Pensamento social e linguagem n'Os Sertões de Euclides da Cunha: entre a ciência europeia e a experiência sertaneja

Social Thought and Language in Os Sertões (Euclydes da Cunha): between European science and northeast Brazil hinterland experience

Alberto Luiz Schneider[1]

1
É graduado em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), com Mestrado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e Doutorado pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Fez pós-doutorado no King's College London e na Universidade de São Paulo (USP). Foi professor convidado na Tokio University of Foreign Studies e professor temporário da USP. É autor de *Silvio Romero Hermeneuta do Brasil* (Annablume, 2005). Atualmente é professor do departamento de história da PUC-SP.

Resumo
O artigo explora o pensamento social e a linguagem – inclusive o estilo – d'*Os Sertões*, de Euclides da Cunha, procurando discutir a maneira como a ciência – e os determinismos daí derivados – foram reconfigurados quando postos em contato com a experiência histórica da guerra de Canudos, gerando um livro complexo e sofisticado que, desde seu lançamento até hoje, permanece no cânone literário brasileiro.

Palavras chaves
Euclides da Cunha, *Os sertões*, raça, cientificismo, linguagem, estilo.

Abstract
The article explores the social thought and language - including the style - d'Os Sertões of Euclides da Cunha, trying to discuss how science - and thus determinism derivatives - were reconfigured when brought in contact with the historical experience of war Canudos of generating a complex and sophisticated book that, since its launch until today, remains in the Brazilian literary canon

Keywords
Euclides da Cunha, Os sertões, race, scientificism, language, style.

O homem

Euclides da Cunha (1869-1909) foi um homem incomum, retorcido como a caatinga que descreveu. Indisciplinado, mas de formação militar. Cientificista, mas narrador de verve poética. Intelectual, mas avesso ao *chiquismo* da Rua do Ouvidor. Criativo, mas frustrado. Engenheiro militar e militante republicano, Euclides escreveu um dos livros mais enigmáticos da história intelectual brasileira: *Os sertões* (1902).

Rebelde, o jovem Euclides, em 1888, atirou sua espada aos pés do ministro da Guerra do Império como um ato de protesto republicano. Crítico feroz do utilitarismo cada vez mais comum na República pela qual militara e logo se desiludira. A República que esmagou Canudos, em 1897, foi também aquela que esmagara suas esperanças. A Canudos que emergiu de sua imaginação – científica e poética – seria, por um lado, uma seita fanática, sobrevivência de um passado eivado de atavismo, de uma gente mestiça e "desequilibrada", ameaçada pela implacável civilização; mas, por outro lado, o homem do sertão, mestiço e rude, seria "antes de tudo um forte", a própria "rocha viva da nacionalidade", como se verá adiante.

Esse homem trágico, que viveu uma vida privada infeliz, morreu pelo gatilho ágil de Dilermando de Assis, o cadete do exército que fora o amante de sua esposa, de quem ela engravidara, em uma de suas longas ausências. Euclides – o mesmo que narrou a vida e a morte de Canudos, e que não deixou de simpatizar com os sertanejos, ainda que os considerasse retrógrados – foi também um homem de Estado, interessado em pensar o Brasil. Os seus leitores (ou interlocutores) estavam na elite letrada do seu tempo. Embora escrevesse para o poder, Euclides dedicava àquela República o mais sincero horror, como outros republicanos radicais de sua geração[2].

Euclides da Cunha foi nômade, nota Frederic Amory, em *Euclides da Cunha: Uma odisséia nos trópicos*. Para o autor, há correlação entre o nomadismo

2
Euclides da Cunha não estava sozinho na desilusão com a República que foi se enraizando logo após a Proclamação. Em 1890, Silva Jardim, o grande tribuno da causa republicana, que não conseguiu ser deputado constituinte naquele ano, desapareceu em 1891 de forma misteriosa, na Itália, ao cair numa fenda do Vesúvio. Raul Pompeia suicidou-se no natal de 1895, uma semana após ter sido demitido da Biblioteca Nacional. Em 1909, Euclides, homem versado em livros, mapas e pranchetas, de arma em punho, revive um duelo medieval com Dilermando, um profissional das armas, pois era cadete do Exército. Foi para matar, mas talvez quisesse morrer. (Hermes, 2002).

do menino Euclides, que passou de tio em tio, após a morte precoce de sua mãe, e o nomadismo profissional do adulto – militar, jornalista, engenheiro, professor, sempre insatisfeito e desconfortável. O próprio pai do escritor, Manoel Rodrigues Pimenta da Cunha, em carta ao filho, datada de 16 de dezembro de 1906, censura a incapacidade de Euclides de se estabelecer e cuidar das responsabilidades que se esperava de um homem de certa posição social. Diz Amory (2009), "o pai tardiamente admoestou-o sobre sua presteza em viajar para qualquer lugar, numa missão qualquer, sem se preocupar com o sustento e o cuidado da esposa e dos filhos, ou do velho pai". Euclides, ainda segundo Amory (2009), era assaltado pela imagem de uma mulher vestida de branco que misteriosamente lhe visitava. Teodoro Sampaio, amigo do escritor, chegou a afirmar que Euclides "talvez fosse um doente imaginário" (Amory, 2009).

Esse homem atormentado escreveu um livro que até hoje assombra a consciência brasileira. A memória d'*Os Sertões* de certo modo se confunde com a de Euclides da Cunha. Quando se pensa em sua obra, imediatamente remete-se ao autor. Criador e criatura parecem não se distinguir, como se fizessem parte de uma unidade. O próprio Conselheiro – minuciosamente retratado – nos remete a Euclides. Ambos foram traídos por suas mulheres, mas foram amados e cultuados por legiões de admiradores. E também foram odiados. Ambos possuíram uma verve talentosa: o velho sertanejo pregando um catolicismo antigo, prenhe de imagens medievalizantes e metáforas sebásticas; e o jovem intelectual escrevendo, tomado de poesia e ciência, de nacionalismo e beletrismo. À sua maneira, tanto Euclides como o Conselheiro levaram às últimas consequências seus ideais. Ambos embrenharam-se Brasil adentro. E, de certo modo, perderam, cada qual a seu modo. Mas nunca mais foram abandonados, nem pela história, nem pela literatura, vencendo o esquecimento[3].

A obra de Euclides é fruto de multiplicidades de experiências, que vão da formação intelectual até a sensibilidade estética do autor, do clima de época à própria historicidade do Brasil daquela virada de

3
Ver: Ventura (2002).

século. Não se pode esquecer que o livro nasceu de uma viagem de apenas 16 dias ao sertão da Bahia, em 1897. Euclides havia escrito dois artigos de jornal, intitulados "A Nossa Vendeia" (Abreu, 1998, p.07), o que lhe proporcionou o convite de *O Estado de S. Paulo* para acompanhar *in loco* a guerra. As notas da viagem ao teatro (trágico) dos acontecimentos, somadas à pesquisa que certamente fez foram reescritas e estilizadas, gerando em 1902 uma obra singular: *Os sertões*. O jovem e desconhecido autor publicou o livro que mudaria a sua vida, garantindo-lhe um lugar de destaque no cânone literário brasileiro. Desde então, *Os Sertões* nunca mais deixou de povoar as cabeças ilustradas do país, a começar por uma imediata repercussão[4].

O tempo

Entre 1870 e os primeiros anos do século XX, o Brasil havia passado por um período de intensas transformações políticas, econômicas, sociais e culturais. A Monarquia e a Escravidão foram abertamente contestadas, sobretudo por jornalistas, intelectuais, escritores, médicos, advogados, setores médios menos dependentes do latifúndio. O final do século XIX, em todo o mundo ocidental, foi um período de intensa sensibilidade nacionalista, em que os debates intelectuais sobre as supostas qualidades intrínsecas das "raças" humanas estavam na ordem do dia. No Brasil, como não poderia deixar de ser, os termos "raça", "povo", "nação" e "natureza tropical" compunham um vocabulário quase inescapável às discussões políticas do período. A "geração modernista de 1870" – segundo a expressão de Antonio Candido (1963) – dialogou e deixou-se impactar pela vida intelectual europeia da segunda metade do século XIX, marcada por um momento decididamente antiespiritualista e antimetafísico. Nesse período, as influências de autores como Comte (1798-1857), Darwin (1809-1882), Spencer (1820-1903), e Buckle (1821-1862), Renan (1823-1892), Taine (1828-1893) Haeckel (1834-1919) e Gumplowicz[5] (1839-1909) acionaram o determinismo, caracterizado pela adoção dos princípios constitutivos das ciências naturais, do saber empírico e da

4
Ver: Nascimento JL, Faccioli V. (2003).

5
É importante notar que o polonês Gumplowicz não teve a mesma importância no panorama intelectual da época, tal como tiveram Darwin, Spencer ou Renan, mas foi mencionado por Euclides várias vezes. O livro de Gumplowicz *Struggle of the races* (Tradução inglesa de Der Rassenkampf, originalmente publicada em 1883) milita em favor do darwinismo social e das noções de evolução, seleção natural à esfera social. (Murari, 2007).

mentalidade experimental[6]. As noções de "meio, raça e momento", recolhidas em Taine, foram empregadas, com variações e ênfases diversas, por boa parte dos intelectuais brasileiros da época, como Capistrano de Abreu, Silvio Romero, Araripe Junior, mas com notáveis exceções. Não se pode esquecer que os autores europeus, nem os escritores brasileiros que compartilhavam dessas ideias, compunham uma unidade; ao contrário, havia divergências de toda ordem. Mas, convém ressaltar que a República e a abolição da escravatura estavam associadas aos ideais progressistas, modernizadores e civilizatórios, e que o discurso científico foi elevado à condição de demiurgo, autêntico símbolo da vitória do novo contra o velho, o que se ajustava à temporalidade futurista da modernidade oitocentista, calcada sobre as noções de evolução e progresso (Blanckaert, 2004).

Durante toda a vida adulta de Euclides, o Brasil debateu-se com um monstro que habitou as consciências letradas de seu tempo: a inexorável condição mestiça do país, cujo único "branco", no dizer jocoso do conde francês Arthur de Gobineau, teria sido o próprio Imperador[7]. Esses homens de letras – parte expressiva deles egressos das classes patrícias – haveriam de ler, ávidos, o relato euclidiano sobre a Guerra de Canudos, um movimento em que os mestiços dos sertões enfrentaram o Exército da República com espantosa ousadia e competência, resistindo até o último homem.

Euclides da Cunha viveu um tempo de fortes apelos nacionalistas, o que ao menos em parte explica o pessimismo que grassava entre as elites brasileiras, afinal como poderia o Brasil ser um país próspero, moderno e civilizado com as gentes que dispunha? No auge do prestígio das teses racialistas, a presença de uma vasta população negra e uma vastíssima gama de mestiços de todos os tons atormentou o espírito (de classe) e mobilizou a consciência (racista) de boa parte das inteligências da época. Fenômeno que abarcou inclusive intelectuais progressistas, como Euclides da Cunha, que logo se desiludiria com a República liberal, mas oligárquica e conservadora,

6
A bibliografia sobre o tema é ampla: Ver principalmente: Sevcenko N. *A Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1985; Ventura R. *O estilo tropical: história intelectual e polêmica literária no Brasil (1870-1914)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991; Abreu R. *O Enigma de Os Sertões*. Rio de Janeiro: Rocco: Funarte, 1998; Maio MC, Santos RV (orgs). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz/Centro Cultural Banco do Brasil, 1996; Skidmore TE. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976; Schwacz LM. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870 - 1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. Stepan NL. *A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005; Seyferth G. *Nacionalismo e identidade étnica*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.

7
Ver: Sousa (2013.

que Sérgio Buarque definiu como o verdadeiro "império dos fazendeiros" (Holanda, 1983).

Na geração letrada a que Euclides da Cunha pertenceu – formada por intelectuais abolicionistas e republicanos, mas não apenas[8] – a questão da "raça" era recorrente. A aceitação de teses científico-racialistas, baseadas na suposta superioridade da "raça branca" representou um problema de grandes proporções, pois embargava a confiança de grande parte dos intelectuais brasileiros no futuro do país, com raras exceções, como Manuel Bomfim, em *A América Latina, males de origem* (Bomfim, 1905). Embora Euclides comunge do credo cientificista, diferentemente de Manoel Bomfim, ambos eram vozes dissonantes e não compartilhavam do que Silvio Romero chamou de "chiquismo da Rua do Ouvidor"[9].

A junção tensa entre raça, mestiçagem e ciência foi um dos temas mais recorrentes no debate sobre a modernidade não apenas no Brasil, mas também em outras sociedades multirraciais, especialmente nas Américas (Stepan, 2005). A noção de "degeneração" das populações mestiças, desde a segunda metade do século XIX, foi comum entre cientistas, viajantes e intelectuais, cujas crenças racialistas condenavam os países formados por uma acentuada heterogeneidade étnica. A *intelligentsia* latino-americana e brasileira, inclusive, ou principalmente, deixou-se afetar – com algumas exceções – pelas teorias raciais vindas da Europa, procurando elaborar soluções locais para suas complexas sociedades multirraciais[10]. Euclides da Cunha partilhou dessa tradição intelectual, como se vê já no começo do livro:

[...] intentamos esboçar, palidamente embora, ante o olhar dos futuros historiadores, os traços atuais mais expressivos das sub-raças sertanejas do Brasil. E fazemo-lo porque a sua instabilidade de complexos de fatores múltiplos e diversamente combinados, aliada às vicissitudes históricas e a deplorável situação mental em que jazem, as tornam, talvez efêmeras, destinadas a próximo desaparecimento antes as exigências crescentes da civilização e a concorrência material intensiva das correntes migratórias

8
Entre os grandes intelectuais do período, a Abolição era praticamente um consenso, mas não a República. A lista de monarquistas ilustrados é extensa, a começar por Machado de Assis e o Barão do Rio Branco, mas também Joaquim Nabuco, Oliveira Lima, Eduardo Prado, entre outros.

9
Sobre Manoel Bomfim e Euclides da Cunha, ver: Kropf S. (1996) e Ventura R. (1996).

10
Manuel Bomfim – em *América Latina: males de origem,* livro de 1905 – foi um dos poucos intelectuais a descartar a noção de "raça" como um problema, preferindo questionar o passado colonial ibérico e o desprezo pelo educação e a ciência. Bomfim criticou a mentalidade aristocrática e formalista das elites ibero-americanas.

que começam a invadir profundamente a nossa terra (Cunha, 1995, p.7).

O século XIX foi marcado, intelectualmente, por um organicismo sociológico cujos vasos comunicantes com o naturalismo eram pronunciados. Esse fundo epistemológico tende a ver o pesquisador (sujeito que pesquisa) e o pesquisado (objeto da investigação) como instâncias separadas; postura "positivista" que marcou o nascimento das ciências sociais, o que implicaria em um projeto político destinado a administrar as populações e gerenciar os espaços públicos. Euclides da Cunha é, claramente, herdeiro dessa cultura intelectual[11].

Da repercussão

Nos sete anos que separam a publicação d'*Os sertões,* em 1902, e sua morte trágica, em 1909, o livro de Euclides ganhou três novas edições. Sílvio Romero, um dos mais importantes críticos literários da época, dissera que: "De Euclides da Cunha pode-se dizer que se deitou obscuro e acordou célebre"[12]. *Os Sertões* atingiu 10 mil exemplares vendidos apenas naqueles poucos anos. Hoje, livros de pretensão intelectual raramente atingem a marca alcançada por Euclides da Cunha há um século, o que dá a dimensão do sucesso retumbante da obra, que continuaria a ser publicada durante todo o século XX, e ainda hoje é envolta numa atmosfera de prestígio, quando não alçada à condição de monumento da nacionalidade. Independente das qualidades da obra, o livro adquiriu uma força simbólica que transcende sua condição eminentemente intelectual (Nascimento, 2003).

Num primeiro momento, a consagração d'*Os Sertões* pode ser compreendida a partir do "espírito do tempo", eivado de sensibilidade nacionalista e vontade realista, daí a força do naturalismo e das perspectivas cientificistas na crítica literária então predominante[13]. O livro de Euclides de algum modo atendeu a essa agenda, ao descrever o que se poderia ser definido como "realidade sertaneja", a partir de modernos métodos científicos. Era a ciência a serviço da literatura (Abreu, 1998a). Essa

11
Ver: Blanckaert (2004).

12
Romero S. "Academia Brasileira de Lettras: Discurso pronunciado aos 18 de dezembro de 1906, por occasião da recepção de Euclides da Cunha". In: *Provocações e Debate: contribuição para o estudo do Brazil social*. Porto: Livraria Chardron, 1910.

13
Sobre a crítica em fins do século XIX, princípio do XX, ver: Weber (1997) e Guimarães (2004).

perspectiva foi decisiva para catapultar o livro à condição de monumento das letras pátrias, já pelos seus contemporâneos.

Sílvio Romero, ao discursar na posse de Euclides da Cunha na Academia Brasileira de Letras, em 1906, pronunciou um discurso inflamado, em que se pode apreender o sentido político da recepção de *Os Sertões*, pois reúne o elogio ao livro à crítica contra as condições políticas e sociais do país. Na frente de ninguém menos que o Presidente da República, Afonso Pena, Romero afirma que a República havia restabelecido os governos oligárquicos nos Estados, ''governichos criminosos'', dos quais o país só se livraria por meio de uma revolução violenta. Para ele, o Brasil passava por uma evolução social desencadeada pela Abolição, mas a República teria comprometido a possibilidade de uma verdadeira revolução, impossibilitando a superação do legado colonial. Romero, não satisfeito, foi ainda mais radical, ao afirmar que a elite intelectual brasileira (a qual ele se referia jocosamente como crítica indígena), leu mal *Os Sertões*, elegendo a linguagem e as imagens literárias como um modo de esconder a radicalidade da crítica, pois Euclides da Cunha teria sido um escritor que sabia não apenas empregar pronomes, mas ter ideias e pensar o Brasil. Para Romero, *Os Sertões* é retratado:

(...) como um trabalho de sociologia – não como obra exclusivamente literária ou como panfleto político – voltado para a descrição da população de trabalhadores que sustenta materialmente, segundo ele, os embevecimentos de uma elite chique, ociosa e disposta nas magníficas cidades da franja litorânea brasileira (...) a intelectualidade local, para exorcizar a denúncia que contém, definiu a obra [Os sertões] como arte literária: (...) a crítica indígena (...) não vos compreendeu cabalmente. Tomou o vosso livro por um produto meramente literário (...). Viu nele apenas as cintilações de estilo (...) considerou-o ao demais como uma espécie de oposição política (...). Vosso livro não é um produto de literatura fácil, ou de politiquismos inquietos. É um sério e fundo estudo social de nosso povo (Romero, 1910, p.365).

Euclides da Cunha, aparentemente, não tinha padrinhos – recusava-os. Não tomava parte nos grupos intelectuais elegantes que frequentavam os cafés da Rua do Ouvidor, liderados por Machado de Assis, José Veríssimo, Joaquim Nabuco e muitos outros. Quando o Presidente Floriano Peixoto, em 1893, recebeu Euclides no Palácio – talvez como uma homenagem a rebeldia do jovem cadete que havia se sublevado contra a Monarquia – perguntou-lhe que cargo gostaria de ocupar no governo. O engenheiro recém-formado respondeu que queria que fosse cumprida a lei, ou seja, um ano de estágio na Central do Brasil. Euclides – mais jacobino que o líder dos jacobinos – simplesmente detestou o Presidente. E assim se referia a ele, anos mais tarde, em *Contrastes e Confrontos* (1907):

O seu valor absoluto e individual reflete na história a anomalia algébrica das quantidades negativas; cresceu, prodigiosamente, à medida que prodigiosamente diminuiu a energia nacional. Subiu, sem se elevar – porque se lhe operara em torno uma depressão profunda (Cunha, 1975).

Não é o objetivo deste artigo investigar de modo mais profundo a recepção d'*Os Sertões,* mas convém notar, como lembra a pesquisadora Regina Abreu, que o livro foi assumindo na vida cultural brasileira um papel de "obra sagrada" e "bíblia da nacionalidade" (Abreu, 1998, p.22-24). Já a figura de Euclides foi revestida de ar heroico, desempenhando "funções sociais que ultrapassam seu valor puramente literário" (Abreu, 1998, p.23). Essa construção remonta às primeiras resenhas de Araripe Junior e José Veríssimo, passando pelo discurso de Silvio Romero na recepção de Euclides na Academia Brasileira de Letras (1906), chegando aos elogios fúnebres de Coelho Neto e Edgar Roquette-Pinto (1909). No início da década de 1950, Getúlio Vargas, ao visitar Canudos, quando da construção da Usina de Paulo Afonso, deixou-se fotografar com *Os Sertões* de baixo do braço. Juscelino Kubitschek, às vésperas da inauguração de Brasília, cita Euclides da Cunha,

colocando-se como o presidente-pioneiro, desbravador dos ermos profundos do Brasil. Euclides era apresentado como "o novo bandeirante de uma nova entrada para a alma da nacionalidade brasileira" (Abreu, 2009). Ana Maria Roland também chama atenção para a junção de uma recepção que identifica o texto euclydiano como "poema épico" e "crônica história" da formação brasileira (Roland, 1997, p.160).

Em *Os Sertões,* a ciência racialista (europeia) herdada da segunda metade do século XIX, que será abordada adiante, ocupa um lugar importante, mas a recepção da obra euclidiana elegeu como "lugar da memória" a dimensão literária do texto e certa sensibilidade nacionalista que perpassa à obra.

Estilo, ciência e linguagem

O arcabouço d'*Os Sertões* é conhecido. O autor narra o confronto de um movimento messiânico, milenarista e sertanejo. Entre 1896 e 1897 Antônio Conselheiro lidera 30.000 pessoas, provenientes de todo Nordeste brasileiro. Canudos chega a ser a segunda maior concentração urbana da Bahia formada por cearenses, pernambucanos, baianos, alagoanos que para a região convergiram. Após quatro expedições, finalmente o movimento é derrotado pelos melhores equipamentos militares de que o Brasil dispunha.

O livro está dividido em três partes: A Terra, O Homem e A Luta.

A Terra é narrada a partir da constituição geológica do continente americano. Envolve a flora, a fauna, o clima e, claro, o fenômeno da seca. Isso constitui o sumário da primeira parte. No capítulo *O Homem,* Euclides trata do povoamento, da miscigenação e das raças que o compuseram, fundindo história e biologia, segundo a tradição intelectual organicista do século XIX. *A Luta,* é a última parte do livro, a mais longa e a mais dramática. Euclides pretendia uma narrativa da guerra, seca, sem ardis literários.

A Terra é a analogia do sertanejo, dura, seca, espinhenta, mas protetora. Só penetra em suas entranhas quem a conhece. Nos mandacarus e outros cactos ficam farrapos das fardas dos soldados,

punindo-lhes a intromissão. As cabeça-de-frade – um cacto redondo, espinhento, de flor vermelha – faz lembrar a Euclides as cabeças decepadas da guerra. Uma guerra sem prisioneiros, pois degolados.

No capítulo *O Homem,* Euclides descreve os mestiços do Brasil do interior – de três raças em guerra-e-paz, em três séculos de história – com a cabeça povoada pela antropologia biológica, europeia, de seu tempo. O cientista letrado condena as "gentes cruzadas", "degeneradas" e "neurastênicas" do Brasil profundo, mas absolve o homem do sertão de juízo mais severo.

A instalação da República destampou uma série de insatisfações. No Brasil inteiro pipocaram revoltas. A Guerra de Canudos foi o maior desses movimentos. A República se consolidou com um banho de sangue, para o qual o Brasil se mobilizou. Um terço do efetivo do exército nacional estava alocado no sertão da Bahia, cujos soldados e oficiais provinham do Rio Grande do Sul ao Pará.

Antes da Guerra, os jornais do Rio e de São Paulo consideram Canudos uma conspiração monarquista, cujo objetivo seria restaurar o Império. Terminada a Guerra – que Euclides assistiu *in loco,* como correspondente do *O Estado de S. Paulo* – foi possível perceber aquela experiência de outro modo.

Euclides da Cunha foi para o sertão da Bahia com a mesma cabeça dos seus pares do Rio e de São Paulo que, como ele, pertenciam às classes altas, lidas e poliglotas. Ele – um republicano exaltado e radical educado na escola de engenharia do Exército – foi para Canudos para ver de perto "a conspiração monarquista", que fatalmente significaria um retrocesso para o país. Não foi o que viu. Ainda em solo baiano Euclides começa, aos poucos, a mudar sua percepção. Ao voltar da Guerra, finda em 1897, começa a estudar a história do Brasil e de seu povoamento. O engenheiro passa a ler sobre antropologia, sociologia, psicologia social. Queria entender o homem, de modo científico, bem ao estilo positivista de fins do século XIX, com suas típicas considerações sobre as raças, as supostas inconveniências da miscigenação, entre outros legados do darwinismo social[14].

Na Europa de fins do século XIX surgiram traduções rebuscadas de Homero, bem como dos demais textos trágicos gregos, em que se primava pela sofisticação das formas, que iam desde a construção da frase até a grafia dos termos. Segundo Jorge Coli, Euclides da Cunha escreveu uma epopeia decadentista[15]. Gosto decadentista que se esmerava no emprego de formas elegantes para descrever sangue, sexo, violência, podridão e outros aspectos da sordidez humana. Quem quer que empreenda a leitura d'*Os Sertões* há de notar o estilo tortuoso, gramaticalmente rebuscado e ricamente adjetivado da escrita, ornada com toda a terminologia científica da época, até o limite do esdrúxulo. Euclides não poupa os leitores dos detalhes mais cruentos da guerra.

Em conformidade com o espírito positivista de fins do século XIX, ele busca o relato preciso, a decifração da natureza (inclusive humana). Do compromisso com a ciência, evidenciado na linguagem e patente no arsenal teórico, preside a narrativa. Junto à fúria cientificista, há um elemento redentor, como uma espécie de verdade revelada, na qual emergem os homens de Canudos, seus valores, sua coragem, seus deuses, suas misérias e grandezas. Todos esses elementos representados enquanto verdade transcendente, religiosa, complexa e grandiosa, mais que uma mera verdade positiva, científica, rebaixada ao humano. Sua escrita instaura o mundo por meio do encontro do estilo e do conceitual. O estilo, aqui, não é retórica, invólucro ou verniz, mas fundante, capaz de fazer emergir a história e a geografia, a etnologia e a ecologia. O estilo alimenta a interpretação e não se dissocia da interpretação. Nesse sentido, a narrativa de Euclides lembra o romantismo histórico de Jules Michelet e a alta qualidade estilística de Ernest Renan, autores franceses que Euclides provavelmente leu, o que era comum entre os brasileiros letrados de seu tempo. Certa dimensão épica afeta o estilo de Euclides da Cunha n'*Os Sertões*. Épica da ciência, da miscigenação, das três raças, da guerra. Mas uma épica antes trágica que faustosa:

14
Especificamente sobre cientificismo, evolucionismo e racialismo em Euclides da Cunha, ver: Bernucci (2008), Souza (2010), Lima N (1998).

15
Caderno Mais! Folha de São Paulo (02/08/2009). Jorge Coli foi um dos tradutores *Os Sertões* para o francês.

E estava intacto. Murchara apenas. Mumificara, conservando os traços fisionômicos, de modo a incutir a ilusão exata de um lutador cansado, retemperando-se em tranqüilo sono, à sombra daquela árvore benfazeja. Nem um verme – o mais vulgar dos trágicos analistas da matéria – lhe maculara os tecidos. Volvia ao turbilhão da vida sem decomposição repugnante, numa exaustão imperceptível. Era um aparelho revelando denodo absoluto, mas sugestivo, a secura extrema dos ares (Cunha, 1995, p.373).

A percepção do autor, hoje caduca, é revigorada pela potência da palavra, rigorosa e poética, subvertendo o próprio texto e permitindo múltiplas ressignificações e aproveitamentos. A palavra ilumina o particular, contradizendo a generalidade daquela ciência, hoje esquecida, como sugere sua leitura do sertanejo.

O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral. A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempeno, a estrutura corretíssima das organizações atléticas. É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gingante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-o a postura geralmente abatida, num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente. A pé, quando parado, recosta-se invariavelmente ao primeiro umbral ou parede que encontra; a cavalo, se sofreia o animal para trocar duas palavras com um conhecido, cai logo sobre um dos estribos, descansando sobre a espenda da sela. Caminhando, mesmo a passo rápido, não traça trajetória retilínea e firme. Avança celeremente, num bambolear característico, de que parecem ser o traço geométrico os meandros das trilhas sertanejas. E se na marcha estaca pelo motivo mais vulgar, para enrolar um cigarro, bater o isqueiro, ou travar ligeira conversa com um amigo, cai logo – cai é o termo – de

cócoras, atravessando largo tempo numa posição de equilíbrio instável, em que todo o seu corpo fica suspenso pelos dedos grandes dos pés, sentado sobre os calcanhares, com uma simplicidade a um tempo ridícula e adorável (Cunha, 1995, p. 129).

O estilo "decadentista" emprestou uma linguagem ajustada à vida e à obra de Euclides, cujo texto narra a desventura de uma guerra que opôs os mestiços dos sertões profundos do Nordeste brasileiro aos mestiços do litoral a serviço do Exército, expondo nos confins da Bahia o drama de um país inteiro. *Os Sertões* foi capaz de tocar uma multiplicidade de questões que vão do econômico-social (o latifúndio, a pobreza) ao político (a República e seus limites), do intelectual (o cientificismo, o naturalismo, o decadentismo) ao religioso (o messianismo, o catolicismo popular). Por essas e outras razões, *Os Sertões* é um dos documentos fundamentais da história do Brasil, reflexo e reflexão de um país carregado de temporalidades polissêmicas e contraditórias.

A narrativa de Euclides da Cunha – apesar da linguagem trabalhada, com clara intenção literária – fundamenta a legitimidade de seu discurso na autoridade de quem presenciou os acontecimentos, como um viajante que observa a cena em questão. E nisso dialoga implicitamente com a tradição dos relatos de viagens e das expedições científicas. Tradição que remonta a Alexander Von Humboldt[16]. Euclides filia-se, argumenta Fernando Nicolazzi, "a uma tradição extensa de representação do real", em que o narrador se pleiteia "a sinceridade do relato, o desenho correto dos eventos sem, todavia, fazer perder seu colorido e, por conseguinte, sua própria realidade" (Nicolazzi, 2009, p.68). Outra fonte de autoridade d'*Os Sertões,* como já se disse, está no compromisso com a ciência, fundada na prova empírica, capaz de conduzir a leis gerais, de modo que decifrar a sociedade implicaria em seguir as mesmas leis que regiam a química ou a matemática, observa ainda Abreu (1998a, p.80). Em outras palavras, o narrador busca o relato objetivo e cientificamente informado, mas em linguagem cuidadosamente trabalhada, com passagens de teor

16 De acordo com o depoimento do repórter Alfredo Silva, do jornal *A Notícia*, Euclides, ainda em Monte Santo, observava com precisão a natureza à maneira de um viajante-naturalista. Sobre isso, ver: Ventura (1998).

poético, a fim de descrever a natureza (ou o homem) do sertão, o que corresponde à expectativa da alta cultura de seu tempo, em que a literatura gozava de grande prestígio. A passagem a seguir demonstra o esforço em juntar literatura e ciência:

A mesmas assomadas gnáissicas caprichosamente cindidas em planos quase geométricos, à maneira de silhares, que surgem em numerosos pontos, dando, às vezes, a ilusão de encontrar-se, de repente, naqueles ermos vazios, majestosas ruinarias de castelos (Cunha, 1985, p.101).

E por mais inexperto que seja o observador – ao deixar as perspectivas majestosas, que se desdobram ao Sul, trocando-as pelos cenários emocionantes daquela natureza torturada, tem a impressão persistente de calcar o fundo recém-sublevado de um mar extinto, tendo ainda estereotipada naquelas camadas rígidas a agitação das ondas e das voragens... (Cunha, 1985, p.103).

Além das tão comentadas influências do cientificismo positivista de Auguste Comte – particularmente forte na Escola Militar de Engenharia do Rio de Janeiro, onde Euclides se formou – é importante atentarmos para a ambiência literária que circunda a obra. Naquela virada de século, o prestígio da literatura de Émile Zola (1840-1902), talvez declinante na França, foi enorme no Brasil. O autor de *Germinal* (1883) foi uma espécie de paradigma do romance naturalista. Zola (1982) acreditava que o literato deveria emular o método do cientista, a fim de reportar a natureza (inclusive dos homens), o que produzia um efeito de verdade, impossível à imaginação romântica (contra a qual ele se insurgia). Nicolau Sevcenko notou que *Os Sertões* radicaliza a herança de Eça de Queiroz, contribuindo para formar um caldo de cultura realista, naturalista e cientificista, no qual Euclides bebeu, levando-o a ceder à ficcionalidade em benefício das potências naturais e das (supostas) realidades sociais (Sevcenko, 1985, p.200).

É preciso notar que o estilo não é verniz, mas um modo de pensar, na medida em que a linguagem não é uma variável neutra. O estilo cientificista não era exclusividade de Euclides da Cunha, mas partilhado por outros escritores da época, como Júlio Ribeiro, Aluisio Azevedo ou Raul Pompéia. Em outra trincheira estava Machado de Assis, cujo estilo – não raro arcaizante e subjetivista, com laivos de realismo mágico, (como em Brás Cubas, o defunto narrador) – era francamente oposto à linguagem objetivista dos cientificistas. Machado em *O alienista* (1882) ironizou o cientificismo e o determinismo reinantes em seu tempo. Não é à toa que Silvio Romero – um crítico que estava próximo dos valores esposados por Euclides da Cunha – tenha sido adversário de Machado de Assis[17]. Coerentemente, foi Silvio Romero quem saudou, em 1906, o autor de *Os Sertões* na Academia Brasileira de Letras.

17
Ver em: Romero (1992) e Rocha (2001).

Raça e mestiçagem ou dilemas do Brasil de Euclides da Cunha

A mobilização dos referencias evolucionistas e cientificistas levaram Euclides da Cunha a vocalizar um profundo mal-estar em relação aos mestiços do litoral, especialmente os mulatos. Muito diferentes eram os mestiços do sertão. O sertanejo, adaptado ao meio, misto de europeu e indígena era uma "sub-raça", muito mais homogênea que mestiços "degenerados do litoral". Em geral a mestiçagem é, para Euclides, negativa, "ante às conclusões do evolucionismo", tornando o mestiço "quase sempre, um desequilibrado", quando não um "decaído", sem "a energia física dos ascendentes selvagens" e sem a "altitude dos ancestrais superiores". Seriam "as fatalidades das leis biológicas" (Cunha, 1985, p.97), que vão da incapacidade intelectual à fragilidade física. O mestiço, insiste Euclides, "não é uma integração de esforços; é alguma coisa de dispersivo e dissolvente" (Cunha, 1985, p.97).

Mas de onde vem a "instabilidade" e o "desequilíbrio" do mestiço? Viria, argumenta Euclides, da "sobrecarga intelectual e moral de uma civilização". Os artefatos da civilização seriam tão pesados para

quem não atingiu o estágio evolutivo compatível, levando o mestiço ao desajuste mental. Em outras palavras, a "raça inferior" seria ferida pela "superior", pois "neste caso a raça forte não destrói a fraca pelas armas, esmaga-a pela civilização" (Cunha, 1985, p.99). No sertão, onde a civilização moderna não havia chegado, permitiu que o sertanejo se adaptasse ao seu meio, podendo aguardar a paulatina incorporação dos valores e dos instrumentos do mundo civilizado, diferentemente do "mestiço neurastênico do litoral", atropelado pela civilização que o "degenera".

Euclides destaca a existência de muitas "raças mestiças" no interior do território brasileiro, fruto da multiplicidade do "meio", da "raça" e do "momento" (ou seja, da história, pois, mesmo sem usar repertório histórico, Euclides reconhece a existência de múltiplas temporalidades). O fato de não haver "um tipo étnico único, quando há, certo, muitos", leva-o a argumentar, em tom pessimista, que "não temos unidade de raças. Não a teremos, talvez, nunca", restando uma nesga de esperança, na medida em que o futuro e as circunstâncias haviam reservado ao Brasil "a formação de uma raça histórica em futuro remoto". Como se alcançaria o futuro? Pela evolução (biológica, social, civilizacional), daí a frase famosa: "Ou progredimos, ou desaparecemos" (Cunha, 1985, p.63). O problema é que "progresso" do Sul[18], de clima "ameno" e maior insidência de "brancos", e o "atraso" do Norte, "mestiço", de clima "tórrido", herdeiro de outra história, poderiam inviabilizar o Brasil como uma nação étnica culturalmente integrada. Tudo seria contraste, desde os canaviais da costa e o sertão agreste no interior, até o mar e o deserto da caatinga:

Enfeudando o território, dividido pelos donatários felizes, e iniciando-se o povoamento do país com idênticos elementos, sob a mesma indiferença da metrópole, voltada ainda para as últimas miragens da "Índia portentosa", abriu-se separação radical entre o Sul e o Norte. Não precisamos rememorar os fatos decisivos das duas regiões. São duas histórias distintas, em que se averbam movimentos e tendências opostas. Duas sociedades em formação, alheadas por

18
Grosso modo, na época de Euclides da Cunha, o "Norte" compreendia os territórios localizados ao Norte de Minas Gerais, e o Sul abrangia de Minas para o Sul.

destinos rivais – uma de todo indiferente ao modo de ser da outra, ambas, entretanto, evolvendo sob os influxos de uma administração única. Ao passo que no Sul se debuxavam novas tendências, uma subdivisão maior na atividade, maior vigor no povo mais heterogêneo, mais vivaz, mais prático e aventureiro, um largo movimento progressista em suma – tudo isso contrastava com as agitações, às vezes mais brilhantes mas sempre menos fecundas, do Norte – capitanias esparsas e incoerentes, jungidas à mesma rotina, amorfas e imóveis, em função estreita dos alvarás da corte remota. (Cunha, 1985, p.94).

Para Euclides, os sertanejos viviam em outra temporalidade, embora existindo no tempo físico do narrador (Euclides). Os sertanejos estariam fora da modernidade ocidental: o jagunço "está na fase evolutiva em que só é conceptível o império de um chefe sacerdotal ou guerreiro", daí sua inadequação à República. Por essa razão, o sertanejo é um "retrógrado", pois estaria preso a uma expectativa de amanhã messiânico e místico resultado de "uma sociedade velha, uma sociedade morta, galvanizada por um doido" (Cunha, 1985, p.210).

O sertanejo, tal como Euclides formulou, seria síntese do clima, do solo, das raças, das multiplas mestiçagens. É um homem em "contrastes e confrontos" (nome de um livro menos famoso que fala de outro sertão, a Amazônia). O sertanejo seria valente, mas supersticioso; magro, raquítico até, mas forte; fanático, mas generoso. Seria crédulo, mas desconfiado. Não haveria uma "raça brasileira", definida, mas teríamos um exemplo de formação futura. Embebido das teorias europeias, afirma que: ''A mistura de raças mui diversas é, na maioria dos casos, prejudicial'' e o mestiço é ''quase sempre'' um desequilibrado – e dá-lhe termos negativos (''decaído'', ''híbrido moral'', etc). Mas usa esse "quase sempre", ''na maioria das vezes'', para salvar o sertanejo. Ou seja, diferentemente do mestiço do litoral, esse sim um "decaído", o homem do sertão seria um "retrógrado", mas não um "degenerado", e, por fim a senteça célebre: "o sertanejo é, antes de tudo, um forte"

(Cunha, 1985, p.102). Fortes e estáveis, os "rijos caboclos" formariam "o núcleo de força da nossa constituição futura, a rocha viva da nossa raça" (Cunha, 1985, p.547).

Euclides foi para Canudos a fim de assistir e aplaudir a uma guerra legítima, mas diante da terra, do homem e da luta, ele complexifica extraordinariamente sua compreesão. O intelectual embebido de teorias raciológicas, sem suspender seu juízo, vê o homem do sertão com curiosidade e simpatia, apesar da artilharia cientificista. Horrorizou-se com degolas e torturas, levando-o a denunciar os massacres cometidos pelas forças republicanas. Em realidade, o centro de sua narrativa não é a revolta, mas a repressão. O sertanejo, em princípio, arcaico e bárbaro, torna-se objeto de sua admiração. Os militares, seus companheiros de formação, os proclamadores da República pela qual militara, e porta-vozes da modernidade, são ao fim e ao cabo vistos como absurdos e criminosos:

Havia ali uma inversão de papéis. Os homens aparelhados pelos recursos bélicos da indústria moderna, é que eram materialmente fortes e brutais, jogando pela boca dos canhões toneladas de aço em cima dos rebeldes que antepunham a esgrima magistral de inextricáveis ardis (Cunha, 1985, p.498).

Quando assiste, *in loco,* a cena da guerra, que ele próprio chamou de um "crime na acepção integral da palavra", enoja-se com a imbecilidade e a ferocidade das forças oficiais. Maravilha-se com a astúcia dos insurretos, ante a estupidez cruel das forças da República. Admira o caráter de Antônio Conselheiro, mesmo vendo-o como "doente" num momento "atrasado" da evolução. Ainda sobre o Conselheiro, diz Euclides: "o infeliz destinado à solicitude dos médicos, veio, impelido por uma potência superior, bater de encontro a uma civilização, indo para a história como poderia ter ido para o hospício" (Cunha, 1985, p.165). O Conselheiro encarna a grandeza épica e trágica, mas admirável, em contraposição à barbárie civilizada e racionalista de sua decapitação e

exumação. Nos bárbaros encontravam-se qualidades maiores, mais elevadas, que nos homens ditos civilizados, provenientes do mundo da moderna razão.

Euclides da Cunha, de certa maneira, contradiz seus próprios pressupostos – senão anulando-os, ao menos mitigando-os –, o que acaba por condenar duas barbáries: por um lado, o misticismo retrógrado dos seguidores de Conselheiro e, por outro, a modernidade cega e violenta do Exército. Euclides insiste em assinalar os equívocos que levaram os republicanos a se engajarem contra Canudos, colocando, frente a frente o fanatismo dos militares que gritavam "Viva a República!". E, por outro lado, o messianismo dos revoltosos. Ao opor a "sub-raça sertaneja" em formação à mestiçagem generalizada e degenerada do litoral, alude à diversidade racial e à multiplicidade cultural do país. Ao afirmar que os soldados quando perdiam seus uniformes tornavam-se indistintos dos sertanejos, acaba por mostrar (talvez involuntariamente) o quão semelhante eram mestiços do litoral e do sertão.

Admiração que, por vezes, os sertanejos lhes causam não foi capaz de reverter sua consciência mobiliada à ciência europeia. Para Euclides, a sociedade moderna é um destino inexorável. A violência do exército republicano pode ter-lhe embargado o otimismo com o regime, mas não a fé no progresso, na civilização e na ciência, que permaneciam senão intacta, ao menos em pé. O sertão permanece outro lugar, outra gente, outro tempo. Essa noção, que já aparecia em *Os Sertões*, envolta em linguagem rebuscada, reaparece em conferência proferida por Euclides, de maneira crua e direta: "[...] a luta de 1897 nos sertões baianos, a despeito de sua data recente, foi um refluxo do passado; o choque da nossa pré-história e da nossa modernidade" (Santana, 1998). Barreto de Santana nota que para Euclides penetrar no interior do Brasil significava se deparar com outra camada de tempo, como o geólogo que, ao se aprofundar na terra, encontra outras camadas geológicas.

Apesar da força literária do texto – e da recepção que elevou o livro à condição de monumento literário – Euclides quis erigir um texto científico,

embora se mostrasse cioso do estilo e da linguagem, até como um modo de obter visibilidade num ambiente intelectual em que a literatura, a crítica e a história literária gozavam de grande prestígio, como nota Luís Costa Lima: "em *Os sertões*, é permissível a entrada da literatura sob a condição de constituir uma cena de ornato" (Lima L, 1984, p.7).

Euclides articula uma relação complexa e imbricada entre a natureza e as formações sociais, entre literatura e ciência. As nações, como os indivíduos, necessitam do remédio certo, prescrito pela ciência, mas narrativa precisa ser elevada, para ouvido por uma audiência beletrista. *Os Sertões* narram uma sociedade "doente" – noção cara numa época em que a eugenia representava um instrumento explicativo de prestígio – e Canudos era uma expressão perfeita da chaga da nação. Mas a guerra que destruiu aquela sociedade "velha" e "retrógrada", que habitava no corpo da modernidade brasileira, foi, no entanto, um crime, ou pior: uma covardia. A "sub-raça sertaneja", condenada ao desaparecimento, especulava Euclides, deveria progredir e, como um organismo vivo, progrediria, ou morreria. Não haveria outro remédio para o sertão senão a civilização. Logo, a "rocha viva" da nacionalidade deveria ser arrastada para o "nosso tempo", ainda que a guerra brutal não fosse remédio. A guerra foi a barbárie (do litoral e da civilização) contra a barbárie (do sertanejo místico e retrógrado).

Considerações finais

A autoridade do texto euclidiano reside não apenas na ciência, mas também, como se argumentou acima, no olhar do "observador-viajante", na expressão de Leopoldo Bernucci (2001). Não se trata, é certo, de mero relato de viagem, mas de uma complexa composição, em que os determinismos cientificistas, oriundos da cultura europeia de seu tempo, resultam relativizados pela observação direta. Já ao acolher um mestiço sertanejo como positivo, Euclides está a subverter a condenação das "raças mistas". Bernucci notou com pertinácia a dupla autoridade, a da ciência e da observação direta:

[...] o que desnorteia Euclides, que busca uma relação congruente entre o que previamente (pensava que) sabia e o que depois vê, é a impossibilidade de facilmente harmonizar essas duas perspectivas, uma cognitivamente livresca; e a outra do saber da própria experiência ou da testemunha ocular (Bernucci, 2001, p.41).

A tensão entre a ciência e a literatura e, sobretudo, entre a observação direta e a autoridade livresca nunca se resolve. Euclides não se desfaz da massa de argumentos científicos que custosamente adquiriu (até porque isso lhe proporcionava autoridade entre seus pares). No entanto, a força da observação *in loco* quebra a onipotência da ciência. Não é à toa que a força literária e a denúncia política nascem justamente da observação dos acontecimentos trágicos da guerra. No fim do livro, Euclides busca ativamente a cumplicidade do leitor ante os derrotados (não apenas pelo exército brasileiro, mas também pela ciência europeia), e conclui arrebatador:

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a História, resistiu até o esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5 [de outubro de 1897], ao entardecer, quando caíram seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos, e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente 5.000 soldados (Cunha, 1985, p.778).

Referências

Abreu R. O Enigma de *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Rocco: Funarte, 1998.

_____. "O livro que abalou o Brasil: a consagração de *Os Sertões* na virada do século". Rio de Janeiro. *Hist. Ciên. Saúde* – Manguinhos. Rio de Janeiro; jul./ago. 1998a; v(5) suplemento: 101-102.

_____. "Veredas dos Sertões". Caderno Mais. Folha de São Paulo. 02/08/2009.

Amory F. Euclides da Cunha: *Uma odisséia nos trópicos*. São Paulo, Ateliê Editorial, 2009.

Bernucci L. Prefácio. In: Cunha E da. *Os sertões*: campanha de Canudos. São Paulo: Ateliê Editorial/ Imprensa Oficial, 2001.

_____. *Discurso, Ciência e Controvérsia*. São Paulo. Edusp, 2008.

Blankaert C. *La nature de la société:* organicisme et Sciences Sociales au XIX siècle. Paris: L'Harmattan, 2004.

Bomfim M. *A América Latina:* males de origem. Rio de Janeiro: Garnier, 1905.

Cândido A. *O método crítico de Silvio Romero*. São Paulo: EDUSP, 1963.

Cunha E da. *Os sertões*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

_____. *Contrastes e Confrontos*. Rio de Janeiro: Record, 1975.

_____. *Os sertões*. Ed. crítica organizada por Walnice Nogueira Galvão. São Paulo, Brasiliense, 1985.

Guimarães HS. "Romero, Araripe, Veríssimo e a recepção crítica do romance machadiano". Estudos avançados; São Paulo; Mai./Ago. 2004; v(18) n(51): 269-298.

Hermes MJF. "Os militares e a política da República: o episódio de Canudos". In: Euclides da Cunha. *Caderno de Cultura Brasileira*. Instituto Moreira Salles, n. 13 e 14. 2002.

Holanda SB. "Do Império à República". In: Holanda SB. *História Geral da Civilização Brasileira,* v.7. São Paulo: Difel, 1983

Kropf S. "Manoel Bomfim e Euclides da Cunha: vozes dissonantes aos horizontes do progresso". *Hist. Ciên. Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro; Mar./Jun. 1996; v(3)n(1): 80-98.

Lima, LC. *O Controle do Imaginário. Razão e Imaginação nos tempos modernos*. São Paulo: Brasileira, 1984.

Lima NT. "Missões civilizatórias da República e interpretação do Brasil". *Hist. Ciên. Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro; jul./ago. 1998; v(5) suplemento: 163-193.

Maio MC, Santos RV (orgs). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz/Centro Cultural Banco do Brasil, 1996;

Murari L. *Brasil, Ficção Geográfica:* ciência e nacionalidade no país dos Sertões. São Paulo: Annablume, 2007.

Nascimento JL, Faccioli V. *Juízos críticos:* os sertões e os olhares da sua época. São Paulo: Nankin Editorial / Editora da Unesp, 2003.

_____. *Os Sertões de Euclides da Cunha:* releituras e diálogos. São Paulo: Editora da Unesp, 2003.

Nicolazzi F. "O narrador e o viajante: notas sobre a retórica do olhar em *Os sertões*". *História da Historiografia*. Mar. 2009; n(2): 67-85.

Rocha JCC. "O ruído das festas" e a fecundidade dos erros: como e por que reler Silvio Romero. *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro; Abr./Jun. 2001; n(145): 73-93.

Romero S. "Academia Brasileira de Lettras. Discurso pronunciado aos 18 de dezembro de 1906, por occasião da recepção de Euclides da Cunha". In: *Provocações e Debate:* contribuição para o estudo do Brazil social. Porto: Livraria Chardron, 1910.

_____. Machado de Assis: estudo comparativo de literatura brasileira. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992 (1892).

Roland AM. *Fronteiras da Palavra, fronteiras da história:* contribuição à crítica da cultura do ensaismo latino-americano através da leitura de Euclides da Cunha e Octavio Paz. Brasília: Editora da UnB, 1997.

Santana JCB. "Geologia e metáforas geológicas em *Os Sertões*". *Hist. Ciên. Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro; jul./ago. 1998; v(5) suplemento: 117-131-193.

Schwarcz LM. *O espetáculo das raças:* cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870 - 1930. São Paulo: Companhia da Letras, 1993.

Sevcenko N. *Literatura como missão:* tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1985.

Seyferth G. *Nacionalismo e identidade étnica*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.

Skidmore TE. *Preto no branco:* raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

Sousa RAS. "A extinção dos brasileiros segundo o conde Gobineau". *Revista Brasileira de História da Ciência*; Rio de Janeiro; Jan./Jun. 2013; v(6) n(1):21-34.

Souza VS. "O Naturalismo de Euclides da Cunha: Ciência, Evolucionismo e Raça Em *Os Sertões*". *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*. Mai./Ago. 2010; v(7)n(2): 1-22.

Stepan NL. *A hora da eugenia:* raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

Ventura R. *O estilo tropical:* história intelectual e polêmica literária no Brasil (1870-1914). São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

_____. "Visões do deserto: selva e sertão em Euclides da Cunha". In: Brait B (org.). *O sertão e Os sertões*. São Paulo: Arte & Ciência, 1998.

_____. *Euclides da Cunha e a República*. Estudos avançados. São Paulo, Jan./Abr. 1996; v(10) n(26): 275-291.

_____. "O homem". In: Euclides da Cunha. *Caderno de Cultura Brasileira*. Instituto Moreira Salles, n. 13 e 14. 2002.

Weber JH. *A nação e o paraíso:* a construção da nacionalidade na historiografia literária brasileira. Florianópolis: Editora da UFSC, 1997.

Zola E. *O romance experimental e o naturalismo no teatro. São Paulo: Perspectiva, 1982 [1880].*

Data de Recebimento: 17/03/2014
Data de aprovação: 04/11/2014
Conflito de Interesse: Nenhum declarado
Fonte de Fomento: Nenhum declarado